

# As ninfas do Verde-Alecrim

Adair de Aguiar Neitzel

CNPq/SED-SC/Doutoranda em Teoria Literária — UFSC

Em *Grande Sertão: Veredas*<sup>1</sup>, encontramos, paralelamente aos vazios do sertão, espaços fecundos e paradisíacos como o Verde-Alecrim. Este figura como um verdadeiro oásis, fonte de leite e mel que não cessa de jorrar. Neste espaço dá-se algo mais do que uma apologia ao amor livre, pois as ninfas Maria-da-Luz e Hortência não são apenas objeto, mas parceiras ativas do jogo amoroso, que exercem o direito de dar e usufruir do prazer — uma atuação que destoa das prostitutas comuns. Como cortesãs de luxo — *hetairas* — elas exercem suas virtudes, naquele templo, num verdadeiro cortejo a Afrodite, retirando a prostituição do lugar comum e dando-lhe uma aura sagrada: a educação de heróis.

Maria da Luz e Hortência são mulheres amáveis, experimentadas no amor. Riobaldo encontra a tranqüilidade no calor dessas águas femininas. Donas de uma energia libidinosa, demonstram alegria de viver, uma energia positiva necessária a Riobaldo, que vai enfrentar o judas na batalha final do Tamanduá-tão. Num espaço consagrado à

concupiscência ascensional, esse desnudamento não fere os princípios morais das pacatas famílias que ali vivem, numa convivência de usos e valores plurais.

Naquele éden instaura-se uma política circunscrita ao âmbito do poder e não da moral, provocando uma liberdade de pensamento e de atitude muito apreciada por Riobaldo, a ponto de este nomeá-lo de Paraíso: “Cheguei e logo achei que lugar tal devia era de ter nome de Paraíso”<sup>2</sup>. Na mitologia grega, Paraíso, ou campos elísios, é o local onde estão as almas mais puras, menos maculadas pela vida que levaram, habitando-o após a morte.

O Verde-Alecrim torna-se assim a Ilha dos bem-aventurados. À luz daquela comunidade, nada havia de pecaminoso na forma como elas agiam, uma prostituição honrada: “os moradores e suas famílias serviam a elas, com muita harmonia de ser e todos os préstimos, obsequiando e respeitando — conforme eu mesmo achei bem: um sistema que em toda a parte devia de sempre se usar”<sup>3</sup>. Um povoado situado num “aprazível fundo, no centro de uma serra enrodilhada”<sup>4</sup>, formado por sete casas beirando um riozinho e uma casa grande, vivendo todos longe das convenções sociais urbanas, sob um regime próprio, harmoniosamente, sem disputas de poder.

No Verde-Alecrim, toda a terra plantável é das irmãs Hortência e Maria-da-Luz — as dirigentes — ambas muito ricas<sup>5</sup>. Ao serem donas de terras, mostram-se emancipadas da categoria de protegidas e passam a protetoras, mantendo algumas famílias sob sua tutela num *ancien régime*: “Porque as duas minhas-damas eram ricas; dizer: deviam de ter muito dinheiro de prata aforrado. Por lá, na casa delas, era ponto de pernoite de lavradores de posses, feito estalagem, com altas pagas. Mas as duas, mesmas, provinham de muito boas

famílias, (...) Eram donas de terras, possuíam aquelas roças de milho e feijão nas vertentes da serra, nos *dependurados*”<sup>6</sup>.

Maria-da-Luz é citada como uma mulher de muito traquejo, cujos olhos eram água-mel, com verdolências. Chama-nos a atenção essa descrição dos olhos, uma composição de dois ingredientes diferentes, “mel” e “água”, que nos remete aos gregos, para quem a idéia de prazer estava ligada ao mel. Esse líquido é também símbolo do amor imortal que encontramos no *Cântico dos Cânticos* (4,11; 5,1): “Teus lábios, minha noiva, destilam o mel virgem. O mel e o leite estão sob tua língua... Entro em meu jardim minha irmã, minha noiva, colho minha mirra e meu bálsamo, como meu mel e meu favo, bebo meu vinho e meu leite”. Na Bíblia, há uma vasta utilização desses líquidos como elementos purificadores. A água se torna o símbolo da vida espiritual como em João, 4: 4: “Aquele que beber da água que eu lhe darei não terá mais sede... A água que eu lhe darei se tornará nele fonte de água a jorrar em vida eterna”. As duas substâncias estão relacionadas às propriedades de purificar e de conservar. Entretanto, são duplamente símbolos de morte e vida, de entorpecimento e de boa visão pois se eles não forem absorvidos na posologia correta, de líquidos regeneradores passam a líquidos mortais.

Maria-da-Luz e Hortência têm a matéria-prima necessária para a regeneração de Riobaldo, o sopro vital. São um imenso reservatório de energia, no qual ele se banhará para voltar com a visão de que necessitará para a batalha que se aproxima. Nelas, ele encontrará o germe do desenvolvimento, mas também a ameaça. Ao deixar-se envolver por Maria-da-Luz, ao mergulhar naquela fonte de água-mel, ele não retornará da mesma forma como mergulhou. Riobaldo, assim como Narciso diante da água, vê-se refletido nos olhos-água de Maria-da-Luz, procurando aprisionar-se a ela e aprisioná-la a si. Entretanto, consegue retornar à tona,

metamorfoseado, porque esse descer se transformou num movimento de autoconhecimento, que o liberou do torpor, do sono em que estava envolvido; e ele sai do vale com os olhos abertos.

Hortência aparece com características opostas às de Maria-da-Luz. Esta é morena, e seu nome está relacionado mais ao calor — segundo Uteza “numa só expressão, dotada de maiúsculas, este nome junta a água — *Maria* — e o fogo — *Luz*”<sup>7</sup>. Hortência é apresentada com a pele branca, e é relacionada ao frio: “A outra, Hortência, meã muito dindinha, era a *Ageala*, conome assim, porque o corpo dela era tão branquinho formoso, como frio para de madrugada se abraçar....”<sup>8</sup> Ela possui uma potência feminina singular, cujo perfume embriaga: “Ela era ela até no recenso dos sovacos”<sup>9</sup>.

No gozo de sua liberdade, elas decidem seu próprio destino. Elas pertencem a um mundo onde não se condena a fuga do exclusivismo sexual masculino, rompendo com os tabus do incesto e do homossexualismo. Há uma insinuação de que estes são vividos de forma transitória quando elas estão distantes da presença masculina, como escutou Riobaldo da boca do povo: “Até mesmo que, nas horas vagas, no lambarar, as duas viviam amigadas, uma com a outra — se soube”<sup>10</sup>.

Reunidos na noite do sertão pela energia erótica da realização de um ato sexual completo, os três se deleitam. Somos introduzidos naquele éden, espaço longínquo das convenções sociais urbanas, um lugar aberto ao prazer, sem peias, a ponto de Riobaldo se sentir um jacaré — portador do mundo, senhor das águas primevas. Uma metáfora que aponta cumulativamente para o aquático, o ctoniano e o solar: “Aí eu era jacaré, fui, seja o que sei”<sup>11</sup>.

Esse ato sexual indica uma ação transcendente, significa mais do que uma simples orgia, é o momento de completude,

de revigoração. Este é o lugar ideal para uma nova gestação: no calor do sexo feminino, Riobaldo achará as energias necessárias para recompor-se e preparar-se para a batalha final. Inclusive, após esse deleite ele dispensa a cachaça e se alimenta de coalhada, um dos cinco elementos na cultura persa que formam o conjunto de produtos sagrados que colaboram para a purificação do ser.

Esse sentimento que parte de Riobaldo em direção às irmãs é exigente, egoísta, e não quer deixar lugar para o outro. O episódio com o Felisberto — sentinela de Riobaldo — homem que tinha uma bala “nos centros da cabeça”<sup>12</sup>, “nos recessos da idéia dele”<sup>13</sup>, traz uma perturbação momentânea ao estado paradisíaco do local. Maria-da-Luz, após dedicar-se ao amor com Riobaldo, decide repartir seus carinhos com Felisberto. Mas quando esta manifesta seu desejo, Riobaldo demonstra imediatamente seu contragosto. Ele se fixa em seu ego e, num comportamento exclusivista, quer privá-los dos gozos do amor, manifestando sua face narcísica diante do enunciado de Maria-da-Luz: “que, se eu no caso dúvida não pusesse, o Felisberto podia com ela se introduzir, no outro cômodo, por variação dumas duas horas, constante que nesse breve prazo eu ainda restava felizardo com a *Ageala Hortência*”<sup>14</sup>.

Fechado sobre si mesmo, Riobaldo atinge a liberdade do outro, tentando subverter o modelo da esfera do costume praticado até então, pelo exercício da violência verbal: “Danado eu disse que não”<sup>15</sup>. Confrontado com a idéia do outro tomando-lhe o lugar, ele se embaraça na impossibilidade de repartir, dialogar, encerrando-se nos confins de seu amor-próprio.

Esse seu fechamento causa uma reação inesperada de indignação em Maria-da-Luz, mudando aquela situação que

se encaminhava para a privação da participação do outro. Ela responde imediatamente: “Tu achou a gente casual aqui, no afrutado. Tu veio e vai, fortunosamente. Tu não repartindo, tu tem?...”<sup>16</sup> Uma questão que força Riobaldo a precisar melhor seu não.

O que Maria-da-Luz reivindica energicamente é seu direito legítimo ao corpo e ao prazer, pois como um ato de posse pode ser exercido sobre um ser livre? Riobaldo tem o direito de possuí-la desde que não converta esse direito de posse em propriedade. É urgente que ela se posicione e invoque seu direito natural à liberdade, à igualdade, atributos essenciais de quem se encontra em sua posição.

No interior daquela vida comunitária, homens e mulheres desfrutam da mesma condição e recebem o mesmo tratamento, rompendo com a idéia de vida privada, onde as famílias vivem isoladas, fechadas em si mesmas. Dessa forma, ali são suprimidos o cortejo de egoísmos, ciúmes e desconfianças que suscitam a posse do outro. A liberdade encontra o reconhecimento da não-sujeição a qualquer poder imposto pela autoridade.

Riobaldo — usando a máscara de chefe, o Urutu Branco — quer que tudo que o rodeie se ocupe só dele; o fato de Maria-da-Luz ficar com o outro os reduz a uma igualdade que incomoda, porque ele não sabe trabalhar com a experiência da perda. O resultado dessa ação controladora, que procura estabelecer um porto seguro, é o vazio, a incerteza. Entretanto, Riobaldo — regredindo em sua consciência — não permanece na errância, no solipsismo, seu interesse particular se desloca, e ele passa a perceber que ambos são iguais diante do desejo. Então, dobrando seu egocentrismo, seus olhos se abrem, e ele é levado a abdicar de seu não. Uma partilha que o induzirá a um processo de libertação interior, fuga do hedonismo, da pequenez a que se aprisionou.

Seu “sim” abre as portas para a identificação com o outro, e ele renuncia à polarização de seu ser. Há uma “vaporização do eu”, que nada mais é do que o descarnamento de seu próprio sujeito, após dar-se conta da redutibilidade de seu poder: “O Felisberto era sentinela.(...) O senhor sabe: eu chefe, o outro sentinela. Esse Felisberto, pelo jeito, ia viver tão escasso tempo, podia bem que nem fizesse mais conta do ofício. Sendo o mais que pensei: eu, sentinela!”<sup>17</sup> Uma alteridade que o reconduz à razão, a uma outra forma de ver o que olhamos, o que lhe exige, evidentemente, o aniquilamento de idéias entranhadas, pois a construção dessa nova ordem implica no descentramento de outras.

Nessa perspectiva, ver e olhar adquirem importância capital, sendo inclusive um dos motes que palmilham toda a obra: “Mire e veja”. Ao sair do Verde-Alecrim, Riobaldo parece estar curado da doença do olhar que cega, pois dão-se o desengano e a superação do erro, alcançando confiança no olhar, e um novo “eu” é conquistado. Ele define uma nova direção quando diz “Eu sentinela!”. Essa alteridade lhe exige a reformulação de seus princípios de identidade. Houve uma gradação, a passagem do grau ínfimo de opinião a uma inteligência mais alta, superando-se o impasse gerado pela exigência absolutizante da posse do corpo do outro.

Essa metamorfose o levará a uma descoberta fundamental para o comando de seu bando, pois ele sai do vale com os olhos abertos. Quando ele diz “Eu, sentinela!”, está assumindo um ponto de vista móvel, pois ele não se deixa subjugar pelo totalitarismo do sentido único das coisas. Ao contrário, ele se incita a decifrar os significados plurais, procurando atravessar os segredos da existência (uma visão diferente daquele Riobaldo que procurava “demarcar os pastos”). E é com esta nova visão que ele verá e registrará, do

alto do sobrado, no Paredão, as cenas do “juízo final”.

Temos ainda que procurar apreender a dimensão cósmica desse espaço. Precisamos decifrar a aparição da vida naquele “sem fundos” do sertão, que faz parte do mistério central do mundo. Essa aparição corresponde à renovação rítmica do cosmos, um retorno ao instante anterior à expulsão do paraíso, quando nada se encontrava maculado. Ali a vida vem de qualquer parte e prolonga-se de maneira misteriosa, num lugar acessível a poucos humanos. Trata-se de um mundo em miniatura, à parte, em que as pessoas instalaram em seus lares a harmonia com o mundo.

Todo esse complexo — árvores, rios, serras, uma paisagem completa — desempenha o papel do local perfeito, fonte de beatitude. É possível identificar os vestígios da “nostalgia do Paraíso Perdido” e o desejo do homem de restabelecer o estado edênico anterior à queda. O Verde-Alecrim instaura uma outra não-homogeneidade espacial, pois é um espaço importante, em comparação com outros sem a mesma estrutura e consistência. Essa rotura na homogeneidade do sertão permite a revelação de um mundo muito misturado e a constituição de uma realidade que se opõe ao restante.

O Verde-Alecrim, ao modelo da fazenda Santa Catarina, é um espaço que funda um ponto fixo de orientação a Riobaldo. Ele é outro eixo, como ponto de referência, que permite a constituição do novo mundo, orientação para o futuro. Ele revela ter a potência de um lugar sagrado ao apontar uma outra realidade, diferente daquela de que Riobaldo participava em sua existência cotidiana de jagunço. Espaço privilegiado, fechado, santificado, um mundo retirado do universo profano, invulnerável ao devir.

Esse regresso ao ventre feminino tem uma valência cosmológica: o desejo de regeneração. Riobaldo nasce mais



uma vez, pelas mãos de mulheres dadas. Elas o ajudam a trazer à tona o homem verdadeiro que existe no mais profundo de si próprio. O nascimento implica a morte para a existência profana, quer dizer, para a escravidão e a ignorância, e o renascer para a liberdade, para a beatitude. Riobaldo desce novamente em si mesmo, trava um combate com seus “monstros”— uma operação iniciática semelhante às descidas aos infernos.

Ele toma consciência de suas forças, de sua responsabilidade como homem, projeta-se para fora de sua situação particular e liberta-se do mundo profano. Mais um passo foi dado na escalada ascensional a que Riobaldo iniciou. Ao sair do Verde-Alecrim, ele parte diferente, libera sua alma da prisão e da obscuridade da opinião comum, pois aqui ele descortina a existência de uma outra realidade (processo semelhante ao que aconteceu no Guararavacã do Guaicuí), longe daquela que só a visão enxerga, mantendo-se, a partir de então, em estado de vigília: “Eu, sentinela!”.

A idéia de renovação, não só do homem mas do mundo, pode ser descortinada nessas cenas. A existência humana atinge a plenitude no decorrer de uma série de iniciações sucessivas. Geração, morte e renascimento são compreendidos como três momentos de um mesmo mistério; toda a marcha de Riobaldo é empregada para mostrar que não devem existir cortes entre esses três momentos. Não se pode parar em um desses segmentos. O movimento, a regeneração, continuam sempre, pois o cosmos é um organismo vivo que se renova periodicamente.

Riobaldo, durante a dupla travessia que opera — do sertão e de si —, mantém estreito contato com mulheres várias, numa grande dispersão. Ele se perde na multiplicidade dos corpos, para, enfim, achar-se. Assim, as figuras femininas

relacionadas ao prazer vital deflagarão a possibilidade de Riobaldo descobrir, através da atividade carnal e erótica, a vitalidade espiritual.

Este foi o último degrau dessa escalada ascensional iniciada na juventude com Rosa'uarda e que terminará com o reencontro de Otacília. Riobaldo já se acha em condições de dividir com esta uma vivência conjugal, integrado a novos ritmos.

## NOTAS

---

1. João Guimarães Rosa. *Grande sertão: veredas*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
2. Idem, p. 490.
3. Idem, p. 492.
4. Idem, p. 491.
5. O fato de os dirigentes dessa comunidade serem duas mulheres lembramos de que na cidade-modelo de *A República* de Platão, ambos os sexos são chamados às mesmas tarefas; as mulheres compartilham todas as coisas em condições de igualdade com os homens: recebem treinamento físico e militar, bem como a mesma educação nos campos musical, da matemática e da filosofia, estando portanto habilitadas a governar a cidade. É o chamado "feminismo" de Platão que podemos aqui ver retratado. Esse paraíso, destoando de todo sertão agreste, parece mais uma metáfora concebida com o propósito de suscitar indagações sobre a real utopia de *A República*: aqui ela não parece tão impossível.
6. Rosa, op. cit., pp.491-2.
7. Francis Uteza. *João Guimarães Rosa: metafísica do grande sertão*. Tradução José Carlos Garbúglio. São Paulo: USP, 1994. p. 337.
8. J. G. Rosa, op. cit., p.491.
9. Idem, ibidem.
10. Idem, p. 494.
11. Idem, p. 491.
- 12 a 17. Idem, p. 493.